



A OCUPAÇÃO POPULACIONAL NOS MUNICÍPIOS DE SANTO INÁCIO E NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS-PR E AS MUDANÇAS DEMOGRÁFICAS EM FUNÇÃO DA CRISE DO CAFÉ NO PERÍODO DE 1970 A 2010

Rodrigo Batista de Oliveira¹,

RESUMO O presente trabalho teve por objetivo elaborar uma análise da ocupação humana nos municípios de Santo Inácio e Nossa Senhora das Graças-PR e sua relação com a crise do café nos períodos pré-estabelecidos das décadas de 1970 a 2010 na construção da atual estrutura demográfica dos municípios supracitados. Os primeiros relatos de população na área de estudo remetem às populações indígenas pré-ceramistas caçadores e coletores que habitavam o território norte paranaense há cerca de 12.000 ou 13.000 anos A.P. da tradição Umbu e Humaitá (MOTA 2010), em contrapartida, as mudanças mais significativas advêm das décadas de 1970 aos dias atuais. Partindo da lógica que existem diferentes formas de ocupações humanas na área de estudo, em diferentes fases pode se caracterizar que tais ocupações vêm sofrendo alterações e modificações distintas, pois o atual modelo de uso de terra tem menor impacto para os dados populacionais do que ocupações pretéritas, uma vez que hoje o processo se encontra estabilizado.

Palavras-chave: Crise do Café; Mudanças Demográficas; Paraná, Nossa Senhora das Graças / Santo Inácio.

1 INTRODUÇÃO

A paisagem do Norte/Noroeste do Paraná, onde se encontra os municípios de Santo Inácio e Nossa Senhora das Graças, teve seu ambiente natural fortemente impactado, a partir da década de 30 do século passado, pelo processo de ocupação promovido pela empresa britânica Companhia de Terra Norte do Paraná, (CTNP), posteriormente denominada de Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP), e que substituiu a mata nativa para o plantio do café (GARCIA, 2006).

O projeto de ocupação teve forte preocupação com as características topográficas e hidrológicas do território, porém sempre visando à maximização da exploração econômica da região. Assim, três princípios nortearam a colonização, segundo Garcia (2006): a construção de um eixo rodoviário para acesso à área e escoamento da produção; o assentamento de núcleos básicos de colonização na rota do eixo rodoviário; a divisão da zona rural em pequenas propriedades de cerca de 14 alqueires, onde haviam as baixadas, próximas aos cursos d'água, para a locação da casa do colono e os espigões para o plantio do café.

O desenvolvimento da agricultura cafeeira, na década de 1930, permitiu a expansão das cidades de Nossa Senhora das Graças e Santo Inácio ambas localizadas no perímetro da bacia em estudo. Na década de 1970, o Estado do Paraná, passou por importante crise vinculada a questões conjunturais pela substituição da cultura do café pelas culturas temporárias (MORO, 1998). A introdução da cultura da soja e do trigo, bem como a diversificação das exportações permitiu um novo ciclo de desenvolvimento econômico da região norte/noroeste. Mendes (1992) destaca essa última fase como a responsável pelo rápido desenvolvimento econômico regional.

Sendo assim, a alteração nas atividades agrícolas nas décadas de 1970 bem como eventos de cunho pré-histórico, uma vez que nessa área localizam-se as ruínas de uma antiga redução jesuítica, possibilitaram mudanças na estrutura demográfica espacial da região. Para o melhor entendimento do processo evolutivo, fez-se necessário o estudo cronológico das ocupações populacionais na área de estudo, desde as tradições Umbu-Humaitá até os dias de hoje passando pela década de 1970 onde as mudanças demográficas foram mais contundentes.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Para ao alcance dos objetivos propostos, foram feitos inicialmente uma revisão bibliográfica sobre o assunto, buscando agrupar trabalhos locais, regionais. Foram elaborados arquivos digitais em forma de gráficos a partir das informações obtidas da página do IBGE. O mapa de localização de área foi elaborado a partir da carta topográfica na escala 1:50.000, da folha Maringá (SF-22-Y-D-II-3) mediante software Corel Draw x7.

3 LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

¹ Professor Me. do Curso de Geografia (EAD) do Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR, Maringá, membro do grupo de pesquisa “O uso da cartografia temática no planejamento do espaço geográfico urbano em pequenas cidades”. rodrigo.batista@unicesumar.edu.br.



A área de estudo está localizada na região Norte/Noroeste do Estado do Paraná Próximo aos municípios de Maringá e Londrina (Figura 1), entre as coordenadas 22°49'24.56" e 22°53'33.76" de latitude sul, e 51°56'35.18" e 52°01'38.19" de longitude oeste. O acesso à área de trabalho pode ser feito pela rodovia PR 317 (Maringá - Santo Inácio).

Com relação às características físicas a área encontra-se no Terceiro Planalto, em particular, no chamado Planalto de Apucarana, conforme descrito por MAACK (1968). Este planalto caracteriza-se pela presença de pequenos espigões que constituem divisores de água secundários e suaves colinas e platôs.



Figura 1 Localização da Área de Estudo

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A presença e a ocupação humana na região de Santo Inácio e Nossa Senhora das Graças mais especificamente próximo ao rio Paranapanema pelos indígenas remetem às populações pré-ceramistas caçadores e coletores que habitavam o território paranaense há cerca de 12.000 ou 13.000 anos A.P. da tradição Umbu e Humaitá (MOTA 2010). Essas populações são conhecidas pela utilização de utensílios, ferramentas e material lítico, ou seja, materiais provenientes de rochas.

As ocupações pré-ceramistas no município de Santo Inácio estão representadas segundo Mota (2010), por sítios arqueológicos atribuídos a populações Umbu e Humaitá, localizados nas encostas de suaves elevações. As camadas estratigráficas de ocupação situavam-se de 50cm a 250cm de profundidade. O material lítico dos sítios pré-ceramistas é caracterizado por artefatos líticos lascados.

Segundo Parellada (1999):

Os indícios pré-históricos seriam artefatos, sepultamentos humanos, restos de habitações e da dieta alimentar, e representações simbólicas, relacionados tanto a populações pré-históricas. Os sítios arqueológicos agrupam-se em tradições, subdivididas em fases. No Paraná têm-se tradições ligadas a grupos caçadores-coletores, chamados Umbu, Humaitá, além da fase Vinitu; os de coleta litorânea são caracterizadas pelos sambaquis. Os povos horticultores e ceramistas são representados pelas tradições Tupiguarani e pela Regional Itararé, Casa de Pedra. Para as pinturas e gravações rupestres tem-se as tradições Planalto e Geométrica. Existem diversas fases para cada uma das tradições, sendo amplamente descritas na literatura especializada (PARELLADA, 1999, p.19)

Entre 2.800 e 2000 anos A.P, povos Jê, representados por Kaingang e Xokleng, vindos do centro-oeste brasileiro, e povos Guaranis provenientes da bacia do Madeira-Guaporé, Amazônia, realizaram fluxos migratórios em direção ao sul. Eles aproveitaram a fase de clima úmido do Holoceno, expulsaram, exterminaram e assimilaram os povos das tradições Umbu e Humaitá (NOELLI 2000).

Segundo Parellada (1999):

Em alguns sítios houve várias reocupações do mesmo local, tanto por populações relacionadas à tradição Bituruna, como por grupos das tradições Umbu, Humaitá, e Itararé. Há cerca de 7.000 anos atrás, com o clima tornando-se mais quente e úmido, aparecem três tradições tecnológicas de caçadores-coletores, relacionadas a distintos



ambientes naturais: a tradição Umbu, em áreas mais abertas; a Humaitá, em regiões de floresta densa. (PARELLADA, 1999, p.19)

Os Índios Guaranis, Xokleng e Kaingang ocuparam o atual território paranaense a partir dos rios Paraná e Paraguai, bem como de seus principais afluentes: Paranapanema, Ivaí, Piquiri, Iguaçu e Tibagi e se expandiram em direção leste e sul, irradiado em direção aos cursos fluviais menores. Adaptaram-se plenamente às paisagens sul-brasileiras, realizando manejo agroflorestal nos vários ecótonos da região. (PONTIERI; PUPO 2000).

Segundo Mota (1995):

A denominação “Kaingang” define genericamente e ao mesmo tempo a população e o nome da língua por eles falada. Na bibliografia arqueológica eles são conhecidos como Tradição Casa de Pedra, Tradição Itararé e Tradição Taquara. Embora exista uma volumosa bibliografia e inumeráveis conjuntos de documentos não publicados sobre os Kaingang, ainda se conhece pouco sobre os seus ascendentes pré-históricos. (MOTA, 1995, p.6)

Os grupos Jês que se deslocaram do Brasil central para o sul foram ocupando regiões semelhantes às que ocupavam em seus locais de origem. Segundo Mota (2000), após ocuparem os planaltos de cerrados entre os rios Tietê e Paranapanema, próximo à região de Santo Inácio, eles iniciaram a ocupação dos Campos Gerais no Paraná. Esses campos se estendem desde o sul de São Paulo região de Itapetininga até Itararé, entre as cabeceiras dos rios Paranapanema e Itararé até a margem direita do rio Iguaçu no segundo planalto paranaense.

As bacias hidrográficas do Paraná, Paranapanema, Itararé, Tibagi bem como seus afluentes, foram densamente povoadas por populações caçador-coletoras, tradições Umbu e Humaitá e pelos agricultores Guarani e Jê (Kaingang e Xokleng). Na época da chegada dos europeus na América os Guaranis, ocupavam além do litoral da baía de Paranaguá para o sul, todos os vales dos grandes rios do interior, e os Jês (Kaingangs e Xoklengs) ocupavam as regiões mais altas nos interflúvios desses rios (MOTA 2000).

As primeiras populações europeias iniciaram a ocupação pelo vale do Paranapanema a partir da região conhecida como Guairá já habitado pelos Guaranis e pelos Jês do sul. Segundo Mota (2010), “Em 1520 tivemos notícias das primeiras expedições de europeus cruzando o interior do Paraná rumo ao Paraguai e ao Peru. Primeiro Aleixo Garcia e depois Adelantado Dom Alver Nunes Cabeza de Vaca e outros”.

Ainda segundo Mota (2010):

Em meados do século XVI, os espanhóis fundaram as primeiras cidades nos territórios Guaranis a leste do rio Paraná: Ciudad Real Del Guairá em 1557, na foz do rio Piquiri, hoje município de Terra Roxa, e Villa Rica del Spiritu Santo em 1575, junto a foz do rio Corumbataí, Município de Fênix, hoje parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo. (MOTA, 2010, p. 29.)

Porém a chegada de fato dos primeiros europeus à região de Santo Inácio e sua permanência no local se deu a partir de 1609 com a vinda dos Padres da companhia de Jesus, fundando a Redução Jesuítica do Guairá.

Segundo Cortesão (1951, p. 163), “em 26 de novembro de 1609, o capitão Pero Garcia, comandante das forças espanholas acantonados em Ciudad Real Del Guayrá, recebeu ordens do governo do Paraguai D. Antonio de Anasco para que desse todo o apoio aos padres Joseph Cataldino e Simão Masseta que iria fundar reduções no rio Paranapanema”.

O caminho percorrido pelos Padres jesuítas até a região da futura redução de Santo Inácio começou pelo Rio Paraná na altura das antigas Sete Quedas do Iguaçu, coberta pelas águas da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, onde hoje está localizada ponte Airton Senna que liga o estado Paraná ao Mato Grosso do Sul.

Entre as 13 reduções fundadas pelos padres Jesuítas Castelhanas, onde, desde 1554, já existiam as povoações oficiais espanholas de Ontiveros, Ciudad Real Del Guairá e Vila Rica do Espírito Santo, encontramos a Redução de Santo Inácio Mini, localizado à esquerda do Rio Santo Inácio, e a Nossa Senhora de Loreto, capital da Missão Jesuíta de Guairá, fundada em 1610, junto à foz do Rio Pirapó no Paranapanema, também afirmada por Mota (2010, p.30) que diz, “os padres da campanha de Jesus iniciaram a fundação das reduções jesuíticas no Guairá. Instalaram no vale do Paranapanema as Reduções de Nossa Senhora do Loreto e Santo Ignácio do Ipaumbucu”.

Posterior à fundação da redução de Santo Inácio Mini, os bandeirantes Antônio Raposo Tavares e Manoel Preto, à frente de seu exército, adentraram ao interior da capitania, invadiram a província de Guairá e expulsaram os castelhanos de suas terras.

Com o início das lutas e dos combates, segundo Cortesão (1951), desapareceram totalmente e foram destruídas as cidades de Vila Rica do Espírito Santo, Ontiveros e Ciudad Real de Guayrá e as 13 reduções,



dentre as quais a de Santo Inácio Mini, retirando-se, rapidamente, os missionários e índios aldeados, sobreviventes.

Pelo Rio Paranapanema, mais de três mil canoas indígenas foram utilizadas, para transportarem os refugiados. A maioria delas naufragaram ao tentar transpor corredeiras do rio (MOTA, 2000). Após a viagem, chegaram os remanescentes da retirada ao baixo Paraná. Dali se transportando às regiões dos Tapes, no Rio Grande do Sul. A partir de então a redução de Santo Inácio ficou abandonada, bem como as demais reduções e "pueblos" castelhanos erguidos na bacia do Paranapanema, Rio Piquiri e Rio Ivaí, cujos domínios se estendiam do Paranapanema.

Na região de Santo Inácio, os Bandeirantes, assim chamados os integrantes dessas expedições, chegaram entre 1630 e 1632. Quase todas as reduções foram destruídas pelas invasões (MOTA, 2010). Nossa Senhora do Loureto e Santo Inácio foram abandonadas pelos jesuítas que levaram os Guaranis rio Paranapanema e Paraná abaixo até o Rio Grande do Sul, Paraguai e Argentina fundando lá novas Reduções, os chamados trinta povos das Missões (RIBEIRO, 1995).

Destruídas as reduções no Guairá que era as cidades de Ciudad Real Del Guairá, na foz do Rio Piquiri no Paraná e Villa Rica do Espírito na junção do Rio Corumbataí e Ivaí, as populações indígenas se dispersaram. Segundo Mota (2010), parte foi para o sul junto com os padres para fundar os trinta povos das missões nas margens dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai; outra parte foi levada pelos Bandeirantes para São Paulo, e o restante dispersou por seus antigos território no Guairá-Paraná- e na Serra do Maracaju, no Mato Grosso.

De Santo Inácio Mini, como das demais reduções e cidades castelhanas, ficaram apenas alguns vestígios e as ruínas. Sua história, fotos e materiais líticos podem ser vistos no museu e nas ruínas, localizado na cidade de Santo Inácio (MOTA 1995).

Localizado no Norte do Estado do Paraná, os municípios de Santo Inácio e Nossa Senhora das Graças têm sua história associada à implantação Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) ou "Paraná Plantation Ltda." De capital inglês, a mesma companhia foi vendida para um grupo nacional passando a ser denominada Companhia de Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP) (ROCHA, 1998).

Segundo Padis (2006) a ocupação dessa extensa área deu-se inicialmente de forma lenta e por meio de iniciativas oficiais. Mas, a partir da segunda metade da década de vinte, ocorreu de maneira sistematizada e bastante rápida. Porém, após a segunda Guerra Mundial, a Inglaterra teve que vender partes de suas propriedades, e a Cia. de terras Norte do Paraná foi vendida para um grupo de paulista que comprou além destas outras terras.

A ideia dos ingleses foi levada a diante e, no início dos anos 30, a (CMNP) traçou o futuro da região e marcou pontos com 100 km uns dos outros onde seriam construídas cidades entre os cafezais e escolheram-se pontos para serem construídas a cidades maiores como Londrina, Maringá, Cianorte e Umuarama. Muitas pessoas vieram de outras regiões (São Paulo, Minas Gerais, Nordeste, etc.) para ocuparem essas novas terras que segundo Padis (2006):

Em menos de quarenta anos, uma área de aproximadamente 71.637 quilômetros quadrados, ou seja, cerca de 36% do território, transformava-se de densa mata em região que, em 1960 contava com cerca de 1.843 mil habitantes, 34% da população do estado destituídas em 172 cidades, algumas de porte considerável. (PADIS, 2006, p.129.)

O visível sucesso do empreendimento levado a efeito pela companhia de Terras Norte do Paraná induzia, já no fim da década dos anos trinta, o governo do Estado, proprietário de grandes áreas de terras devolutas ou de antigas concessões anuladas ou que haviam voltado ao seu patrimônio, por ato do governo emergindo da revolução de 1930, a encetar um programa de colonização de muitas dessas áreas na região norte do Paraná, Segundo Padis (2006):

O sistema de colonização praticada pelo governo do estado foi semelhante ao da Companhia de Terra Norte do Paraná, vendendo suas terras, em pequenos lotes agrícolas, exceto nos caso da colônia Centenário, que foram loteadas em fazendas, e de Paranaíba, onde as propriedades rurais eram de dimensões variadas, conforme sua localização em relação à sede da Colônia. (PADIS, 2006, p.149.)

Em decorrência da ação governamental de ocupação territorial aos moldes da (CMNP), segundo Padis (2006), levaram a formar novos núcleos urbanos sendo eles: Paranaíba (1942), colônias de Içara (1941), Jaguapitã (1943), Centenário do Sul (1944), Interventor (1950), Pagu (1950) e Santo Inácio, denominada naquele momento como; Distrito da Redução de Santo Inácio.

Com desmembramento de município de Sertãoópolis em 1948, a que pertencia anteriormente, ficou a nova colônia juridicamente subordinada ao município e comarca de Jaguapitã, recém-criada tendo o povoamento



de Santo Inácio, sido nesse mesmo ato, elevado à categoria de vila e distrito, segundo Magalhães (2006) com a denominação de Distrito da Redução de Santo Inácio.

Pela Lei Estadual número 790, de 14 de novembro de 1951, foi elevado à categoria de município com a denominação atual de Santo Inácio, procedendo-se a sua instalação a 14 de dezembro do ano seguinte. Não muito diferente do Município de Santo Inácio, Nossa Senhora das Graças teve sua história de formação territorial vinculada à colonização privada. Segundo Magalhães (2006), em 27 de janeiro de 1951, pela Lei Estadual n.º 613, o núcleo foi elevado à categoria de Distrito Administrativo, com denominação de Nossa Senhora das Graças. O nome é referência à padroeira do município, Nossa Senhora das Graças.

Pela Lei Estadual n.º 4.245, de 25 de julho de 1960, foi criado o município de Nossa Senhora das Graças, com território desmembrado dos municípios de Colorado e Guaraci. A instalação ocorreu em 1º de dezembro de 1960.

No que diz respeito à ocupação sistemática norte-noroeste-paranaense, cabe ressaltar que o trabalho colonizador empreendido, pela companhia inglesa ou pela ação mais recente do governo do Estado, constitui o elemento responsável pela repartição das terras em pequenas propriedades e a devida configuração territorial do atual Norte/Noroeste do Estado paranaense.

A região de Santo Inácio e Nossa Senhora das Graças tem em suas atividades econômicas vínculo direto com os principais ciclos econômicos do estado do Paraná, Segundo Padis (2006), sendo eles distribuídos ao longo de suas histórias, com o ciclo do café o primeiro e um dos mais importantes. Entretanto, as geadas ocorridas na década de 1970 mais especificamente no ano de 1975, durante a madrugada de 18 de julho, afetaram de fato os cafeicultores do norte/paranaense ao ponto de queimar até os grãos verdes.

Na época o frio de tamanha intensidade que o café “queimava” durante o dia, fato incomum, pois as geadas geralmente ocorrem no fim da noite para o amanhecer do dia. Contudo, apesar dos efeitos negativos, a economia paranaense já não dependia exclusivamente do café. Naquele momento o Paraná contava com uma industrialização crescente e com interesses externos na mudança da monocultura cafeeira para a policultura, Por conseguinte o trigo e a soja ajudaram a amenizar os prejuízos.

As plantações de café, soja e trigo existentes cederam espaço para as pastagens logo após a década de 1980 devido à políticas públicas de incentivo a produção de bicompostíveis que, levou ao plantio de cana-de-açúcar. Esse incentivo a produção de álcool ficou conhecido como Proálcool.

No período compreendido pelas safras 77/78 a 81/82 ocorrem importantes alterações na agroindústria de cana-de-açúcar no Paraná. Nessa época inicia-se o processo de instalação das destilarias autônomas financiadas pelo Programa Nacional do Álcool, além da modernização e ampliação das destilarias anexas às usinas tradicionais. (IPARDES, 1983, p. 51)

As destilarias concentraram-se nas regiões próximas ao cultivo da matéria-prima, com o intuito de reduzir os custos na produção e baratear o combustível. As regiões norte/noroeste do Paraná foram as que mais abrigaram os investimentos para o etanol. Isso se deveu à ampliação das unidades industriais já existentes.

Na área de estudo encontra-se uma das maiores produtoras de álcool e açúcar da região, a destilaria de Alto Alegre, com unidades no distrito de Alto Alegre pertencente ao município de Colorado e em Santo Inácio que são responsáveis por boa parte da economia local, pois são responsáveis diretos pelos empregos na região da área de estudo.

A evolução demográfica da população brasileira, conseqüentemente da área de estudo vem sendo marcada, nos últimos cinquenta anos, pelo processo de transição demográfica das áreas rurais para urbanas. Esse processo deriva de vários fatores, sendo eles: a mecanização do campo as mudanças nas estruturas da relação de trabalho no campo (BAENINGER, 2006).

Os Quadros (1 e 2) demonstram as rápidas alterações observadas na dinâmica populacional dos municípios de Santo Inácio e Nossa Senhora das Graças, que indicam uma transição e alternâncias demográficas elevadas na área de estudo em um período relativamente curto, ou seja de 40 anos.

QUADRO 1: POPULAÇÃO PARA O MUNICÍPIO DE SANTO INÁCIO

Santo Inácio	Ano	1970	1980	1991	2000	2010
Total	Total	8.353	5.605	5.514	5.188	5.269
	Urbana	2.258	2.891	4.035	3.960	4.200
	Rural	6.095	2.714	1.479	1.228	1.069

FONTE: Censo (IBGE) Período 1970 a 2010.



No (Quadro 1), para o município de Santo Inácio, verificou-se um processo de “esvaziamento” populacional entre as décadas de 1970 e 1980 onde houve um decréscimo de aproximadamente 2748 pessoas, ou seja, praticamente um quarto da população. Esse processo de “esvaziamento” se tornou constante até o ano de 2000 onde ocorreu um pequeno e inexpressível aumento populacional como pode ser verificado no gráfico 1.

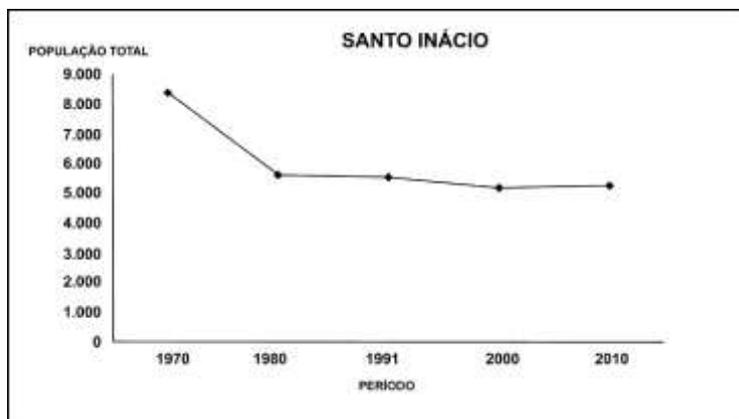


GRÁFICO 1: EVOLUÇÃO POPULACIONAL PARA O MUNICÍPIO DE SANTO INÁCIO PERÍODO 1970 A 2010.
FUNTE: CENSO IBGE PERÍODO 1970 A 2010

Esse êxodo da população principalmente entre as décadas de 1970 e 1980 pode ser explicado por se tratar de uma mudança abrupta na produção e modernização da agricultura e a relação de trabalho no campo.

No que diz respeito à modernização agrícola, esta se dá da forma excludente, pequenos proprietários não sobrevivem à nova ordem capitalista, ocorrendo uma maior concentração fundiária no Brasil como um todo. O resultado é um intenso êxodo rural-urbano e esta mobilidade torna as cidades “inchadas” e sem condições de absorver as demandas de trabalhadores (ROCHA, 1998, p. 110)

Outro aspecto que contribuiu para esse cenário de decréscimo populacional foi a crise do café na década de 1970, marcada pela geada ocorrida no ano de 1975, uma vez que a mão de obra assalariada conhecidas como “Bóias-frias” não mais teve seus empregos, pois a monocultura do café cedeu lugar às culturas temporárias que utilizavam uma menor quantidade de trabalhadores no campo, devido ao advento da capitalização do campo denominado por Rocha (1998) como modernização agrícola. Esse êxodo rural pode ser verificado no (Gráfico 4), em que ocorreu um declínio significativo e substancial da população no período de 40 anos. O total para o período de 1970 era de 6.095 habitantes já em 2010 a população se resume a 1069, com o êxodo rural total de 5026 pessoas.

Outro aspecto relevante pode ser visto no (Gráfico 5), em que se percebe a população urbana teve um acréscimo constante a partir da década de 1970, com o total de 1942 habitantes. Segundo Padis (2006), esse fato pode ser explicado pelo fluxo migratório da área rural em direção à área urbana.

Entretanto a cidade de Santo Inácio não comportou essa demanda populacional uma vez que a relação entre o êxodo rural de 5026 e o aumento populacional urbano de apenas 1942 pessoas não são correspondentes, ou seja, os restantes 3084 habitantes, provavelmente, foram locados em outros estados ou nas cidades médias próximas, como Maringá e Londrina.

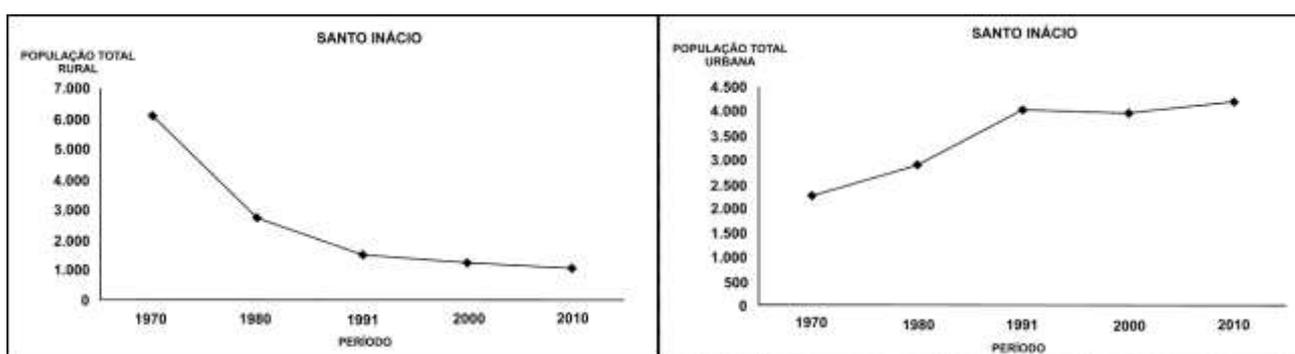




GRÁFICO 2 E 3: EVOLUÇÃO POPULACIONAL PARA O MUNICÍPIO DE SANTO INÁCIO PERÍODO 1970 A 2010. FONTE: CENSO IBGE PERÍODO 1970 A 2010

No (Quadro 2) para o município de Nossa Senhora das Graças verificou-se que o processo decorrente das mudanças populacionais é similar a do município de Santo Inácio, uma vez que ambas estão situadas muito próximas, e assim os aspectos sociais, políticos e econômicos na macroescalas se equiparam.

QUADRO 2: EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO PARA O MUNICÍPIO DE NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS

Nossa S. das Graças	Ano	1970	1980	1991	2000	2010
	Total	6.288	4.266	3.480	3.833	3.834
	Urbana	1.423	1.591	2.222	2.848	3.183
Total	Rural	4.865	2.675	1.258	985	651

FONTE: Censo (IBGE) Período 1970 a 2010

No (Gráfico 2), foi verificado um declínio na ordem de 2808 habitantes até a década de 1990, também influenciado por mudanças da monocultura do café, problemas climáticos como as geadas de 1975, mecanização do campo, (ROCHA 1998). Contudo, a partir da década de 1990, há uma retomada no aumento populacional de apenas 354 habitantes. Isso pode ser explicado pelo fato de o município ter recebido investimentos privados em indústrias, principalmente no setor sucroalcooleiro.

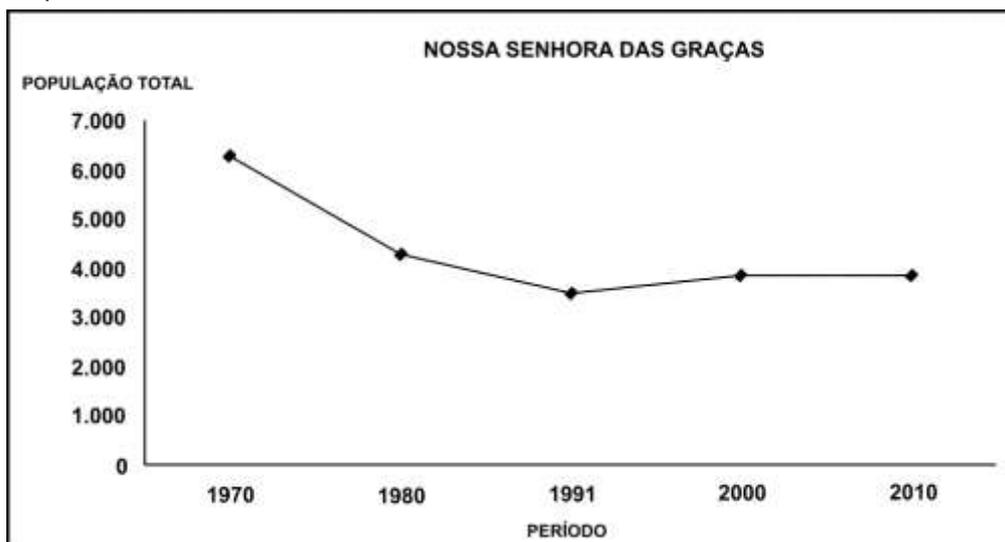


GRÁFICO 2: EVOLUÇÃO POPULACIONAL PARA O MUNICÍPIO DE NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS PERÍODO 1970 A 2010. FONTE: CENSO IBGE PERÍODO 1970 A 2010

Comparativamente ao município de Santo Inácio, Nossa Senhora das Graças teve também o processo de êxodo rural muito forte, principalmente entre as décadas de 1970 a 1990 ver gráfico (3 e 4), chegando a perder 3607 habitantes. Enquanto isso, na área urbana, a população cresceu cerca de 799 habitantes, mostrando assim que o município não absorveu essa mão-de-obra excedente vinda do campo totalizando 2080 habitantes, que, como no caso de Santo Inácio, essa população se direcionou para outros estados e cidades médias, como Maringá, Londrina na maioria dos casos.

Segundo Rocha (1998, p. 140), “os fluxos de deslocamentos nas cidades do eixo Maringá – Londrina é dinâmico devido às boas condições de estrutura viária e ao dinamismo econômico dos dois pólos do eixo”.

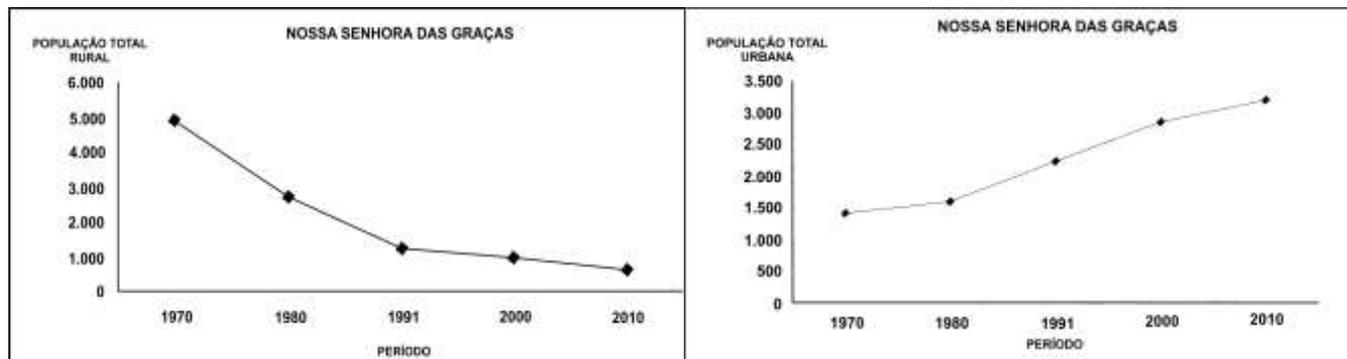


GRÁFICO 3 E 4: EVOLUÇÃO POPULACIONAL PARA O MUNICÍPIO DE NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS 1970 A 2010. FONTE: CENSO IBGE PERÍODO 1970 a 2010.

Segundo Baeninger (2006) a transição demográfica brasileira que se completará nas próximas décadas refletirá muito mais o comportamento demográfico da população urbana, uma vez que este contingente tende a predominar no conjunto da população. Deve-se considerar também que, no contexto interno do país, as migrações entre as cidades, regiões e estados desempenharão papel fundamental nos processos de transições demográficas das distintas localidades.

Esse fato é refletido nas análises da área de estudo, onde ocorreu em ambos os municípios um forte êxodo rural atrelado a um pequeno crescimento urbano, tendo como força motriz para esse movimento populacional as mudanças nas estruturas de trabalho no campo, modernização da agricultura.

5 CONCLUSÃO

Parte-se da premissa que existem diferentes formas de ocupações humanas na área de estudo em diferentes fases fica caracterizado que tais ocupações vêm sofrendo alterações e modificações distintas, pois o atual modelo de uso de terra é de fato mais impactante para o meio do que ocupações pretéritas, uma vez que hoje o homem utiliza do meio com fins não sustentáveis. O recorte territorial adotado refere-se aos municípios de Santo Inácio e Nossa Senhora das Graças ambos localiza-se próximos aos municípios de Maringá e Londrina no estado do Paraná.

Por se tratar de uma área agrícola, os dados demográficos sofreram modificações mais efetivas a partir do início do século XX com o advento das empresas colonizadoras que se instalaram no norte/noroeste do estado do Paraná. As mudanças ocasionam modificações significativas na paisagem principalmente do ponto de vista demográfico, com um “esvaziamento” das áreas rurais e o carecimento de cidades médias ao entrono na qual absorveram os excedentes dessa população vinda do campo.

Assim sendo, a evolução demográfica das populações dos municípios supracitados, vem sendo marcada nos últimos quarenta anos, pelo processo de transição demográfica, decorrentes de mudanças nos níveis de mecanização do campo e anomalia climática. Esse processo teve seu início aproximadamente menos 15 mil anos, mais acentuadamente a partir da década de 1970 com progressiva mudança até o presente momento.

REFERÊNCIAS

BAENINGER, R.; BRITO F.; AZEVEDO S. *Dinâmicas Populacionais e Movimentos Demográficos: Demografia e Fluxos Migratórios (Inter e Intra-regionais)*. Cento de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE). Brasília 2006. 236 p.

CORTESÃO, J. (Org.). *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1549-1640)*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951. V. I, p. 163.

GARCIA, J. C. *Maringá Verde? O desafio ambiental da gestão das cidades*. Maringá, EDUEM, 2006, 374p.

IPARDES. *Impacto das culturas voltadas às alternativas energéticas e à exportação sobre a agricultura de alimentos*. Curitiba, 1983. Volume I e II.



MAACK, R. **Geografia Física do Estado do Paraná**. Ed. Clichês. Curitiba, 1968, 438p.

MAGALHÃES FILHO. **Da Construção ao Desmanche: análise do projeto de desenvolvimento paranaense**. Curitiba: Iparde-2006.

MENDES, C. M. **A verticalização de Maringá, um dos reflexos do processo da metrópole em formação: Maringá, PR**. *Bol. de Geografia, UEM*, ano 10, nº 1. 1992, p. 51-60.

MOTA L. T. org. **Redução Jesuítica de Santo Inácio**. UEM Universidade Estadual de Maringá. Maringá 2010 Ed. Aduem 173p.

MOTA, L. Tadeu. **Os índios Kaingang e as autoridades do Paraná provincial: uma interpretação de três documentos da Câmara Municipal de Ponta Grossa – PR, de 1880**. Pós-História, Assis-SP, 1995.

MOTA, L. Tadeu. **Os índios Kaingang e seus territórios nos campos do Brasil meridional na metade do século passado**. In: Uri Wáxi: estudos interdisciplinares dos Kaingang. Londrina, Eduel, 2000.

MORO, D. A. **Desenvolvimento econômico e dinâmica espacial da população no Paraná contemporâneo**. *Bol. de Geografia, UEM*, ano 16, nº1, 1998, p.1-55.

NOELLI, F.S. **A ocupação humana na Região Sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas, 1872-2000**. *Revista USP*, Dossiê Antes de Cabral: Arqueologia Brasileira II, São Paulo 2000.

PADIS C. P. **Formação de Uma Economia Periférica: O Caso Paranaense**. 2 ed. Curitiba : IPARDES 2006.

PARELLADA I. C. **Programa de Salvamento Arqueológico da Usina Hidrelétrica de Salto Caxias, Rio Iguaçu, Paraná**. Museu paranaense-Convênio COPEL/ FUNPAR/ SEEC-PR. 1999.

PONTIERI, R. L. & PUPO, M. L. de S. B. **A ocupação humana na Região Sul do Brasil: Arqueologia, debates e perspectivas 1872-2000**. In: Antes de Cabral: Arqueologia Brasileira – II. Morais, J. L. de.; Noelli, F. S. & Lima, T. A. Rer. USP, São Paulo, n. 44, 1999 – 2000, p.218 - 269.

ROCHA, M. M. **A Espacialidade das Mobilidades Humanas - Um Olhar Para o Norte Central Paranaense**. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofias Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia, São Paulo 1998 186p.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. Paulo: Companhia das Letras, 1995.